



*Naqueles tempos,
sim, naqueles
tempos*

Clique na imagem para assistir ao vídeo:



*Herança- Aparício Silva Rillo
Declamação de Mariloy Terezinha Vieira Petry
Montenegro - RS*

Naqueles tempos... Tempos que a maioria de nós não viveu, não conheceu, mas tem dentro de si. Sente seus cheiros, imagina suas formas, se emociona com suas histórias, vivencia mesmo que sem perceber seus hábitos mesmo que transformados pela evolução.





A tradição é isso, a herança do que nos precedeu, é viver o que não viveu porque faz parte da construção de cada um, de cada família, da sociedade. Está entranhada em cada vivência, nos sotaques, nos hábitos, nas falas, nos gestos, na maneira de ser, na essência de nossa gente, de cada um de nós. Talvez mais que uma herança: um legado.

O que vemos, lemos e escutamos talvez seja estranho pois não nos parece comum, não faz parte do cenário urbano que vemos hoje e nem de todas as vivências e paisagens do meio rural atual. Nos parece estranho o funcionamento daquela sociedade, alguns dirão que é ultrapassada... Eu digo que cumpriu seu papel naqueles tempos.





Hoje tudo é diferente. Que bom!
É sinal que aquela organização social
deu certo e impulsionou o progresso,
que aquelas ideias se desenvolveram,
que os costumes se atualizaram
com as novas tecnologias e que se
modificaram os tempos...

Nestes tempos ainda ouvimos
o resposno, o murmúrio daqueles
tempos na essência de cada hábito
tradicional que repetimos mesmo
com roupaagem nova, mesmo com
uma nova tecnologia, uma nova
estética.

Nestes tempos temos a essência
daqueles. E busquemos a resposta
para cada hábito repetindo: naqueles
tempos, sim.

Amanda da Rosa Rosado
Cacequi - RS





O tempo passa e as casas de que fala a poesia Herança permanecem no cenário das nossas cidades. Umas em sua estrutura e visual inicial, inseridas no meio de arquiteturas mais modernas, comércios, avenidas asfaltadas, semáforos, imperceptíveis no contexto apressado das cidades atuais.





Outras apenas a estrutura das fachadas foram preservadas e se destacam pela arte contemporânea que ostentam. Perceptíveis aos nossos olhos por suas cores e formas desenhadas.





Muitas vezes as pessoas entram e saem dessas casas pelo objetivo que elas têm hoje, que não é o acolhimento de famílias, mas comércio, serviços públicos. Percebem que são construções “velhas”, mas raramente percebem sua história e importância na construção dessas cidades e de sua sociedade. O mesmo acontece com os “retratos nas paredes” das nossas casas ou de nossos parentes. Nem sempre sabemos quem são aquelas pessoas e mesmo que saibamos, são apenas retratos antigos. Suas histórias, suas contribuições para o que somos, o que queremos ou o que não queremos ser não são conhecidas.

*Maria Luiza da Silva de
Zana e Homar Zana
Montaño – Rivera - UY*





Participe do nosso fórum de discussão para construirmos juntos esse trabalho. Sobre o capítulo 03, acesse o link abaixo e compartilhe suas lembranças sobre os velhos tempos. Acesse pelo QRCode abaixo ou pelo link <https://pragmatha.com.br/diario-da-tradicao-gaucha-naqueles-tempos/>





Querido diário!

Estava lendo novamente o texto que escrevi anteriormente e comecei a pensar nas casas de que a poesia fala e pensar nelas além de sua arquitetura, mas nas famílias que lá se formavam e viviam suas vidas, seus sonhos. Nas gerações que elas abrigaram e nos dias que ela abrigava, cheios de sensações, sons, movimentos, cheiros, texturas...

Lembrei do dia em que minha filha mais velha, morando longe de nós, ligou no domingo dizendo que estava com saudade e que conseguia sentir o cheiro do chimarrão que bebemos todos os domingos na sala. Tal era sua saudade que sua memória lhe trazia “o cheiro dos domingos de manhã” em casa.





Nos dias que correm soltos, quando nem percebemos seus detalhes, existem muitas ações, muitas palavras e sensações que só nos damos conta quando não as temos mais no dia a dia.

As construções que chamamos de casa abrigam lares, famílias e, desde sempre, as famílias em suas mais diversas formas são a base de nossas vidas. Por isso guardamos em nós a rotina com suas cores, cheiros, texturas, gostos tradicionais, que se repetem de geração em geração e dão forma à tradição de um povo.

Querido diário, como eu gostaria que tu sentisses os sons, os gostos, a temperatura e percebesse as cores e formas da nossa casa para entender quem e como somos.

Quais serão as sensações dos lares de quem ler este texto?





A “fumacinha” que sai do
chimarrão e das comidas, que
cheirinho terão?

Que cores iluminam os cômodos e
os móveis?

Que textura terão as cobertas no
inverno?

Como são os gostos das comidas
das avós?

E o som das vozes e risadas nas
casas, como ecoam em cada um?

E o cheiro da mãe, do pai e de cada
filho?

A hora de dormir, a hora de
comer, os dias de comer alguma
receita especial, a roupa que vestir
em alguma ocasião específica, a
música dos domingos de manhã com
a família reunida, as frases repetidas
pela mãe, os sons emitidos para se
comunicar com os animais no campo,
o cheiro da chuva molhando a terra...

Querido diário! A tradição das
casas com suas famílias moldam o
jeito de ser de um povo!

